

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
Que a ela só por prêmio pretendia. [1]

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la:
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe deu a Lia. [2]

Vendo o triste pastor que com enganoso
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete anos, [3]
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida! [4]

Luís de Camões,
Lírica

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Pois mai me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;

Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

Luís de Camões,

Ibid

Vossos olhos! Senhora, que competem
Com o Sol em beleza e claridade, [1]
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lágrimas, de vê-los, se derretem.

Meus sentidos prostrados se submetem [2]
Assi cegos a tanta majestade; [3]
E da triste prisão da escuridade,
Cheios de medo, por fugir remetem.

Porém se então me vedes por acerto, [4]
Esse áspero desprezo com que olhais [5]
Me torna a animar a alma enfraquecida.

Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto! [6]
Que dareis cum favor que vós não dais, [7]
Quando com um desprezo me dais vida?

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
vai fermosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
sainho de chamalote,
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos de ouro o trançado,
fita de cor de encarnado,
tão linda que o mundo espanta;
chove nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fermosa, e não segura.

Luís de Camões:

Ibid

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura.

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão,
Beatilha soqueixada;
Cantando de madrugada
Pisa flores na verdura:
Vai fermosa, e não segura.

Leva na mão a rodilha
Feita da sua toalha,
Com uma sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha;
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixam escura:
Vai fermosa, e não segura

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem cor
E de vergonha com graça;
Qualquer pegada que faça
Faz florecer a verdura:
Vai fermosa, e não segura.

Não na ver o sol lhe val
Por não ter novo inimigo,
Mas ela corre perigo
Se na fonte se vê tal;
Descuidada deste mal
Se vai ver na fonte pura:
Vai fermosa e não segura.

Francisco Rodrigues Lobo